

## Seminário mostra que reservas extrativistas têm pouco futuro

Maurício Lara

BELO HORIZONTE — Não vai mais acontecer qualquer outro *boom* extrativista, como o da borracha. Imposta por condicionamentos do mercado, "há uma tendência silenciosa de desaparecimento do extrativismo", advertiu o doutor em Economia Agrícola, Alfredo Homma, do Centro de Pesquisas Agropecuárias do Trópico Úmido (CPATU), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, na conferência O extrativismo vegetal: Perspectiva Histórica, Conceitos e Preconceitos, no primeiro dia do seminário Extrativismo na Amazônia.

A razão, segundo Homma, é a "domesticação" (plantação organizada) dos vegetais. Para o pesquisador, a proposta dos seringueiros do Acre de multiplicar reservas extrativistas na Amazônia "só é viável enquanto não vier a domesticação". Ele explicou que a domesticação modifica a curva de oferta do produto e provoca a queda do preço, muitas vezes inviabilizando o extrativismo. "Os recursos extrativos têm oferta fixa, inelástica. A domesticação provoca a expansão da oferta", disse.

Homma não questiona as vantagens da reserva extrativista como freio da expansão das fronteiras agrícolas, ou para preservação do meio de vida das populações que dependem do extrativismo, mas previu que, a médio e longo prazo, as reservas têm pouco futuro econômico.

O extrativismo, segundo ele, tem um ciclo natural de expansão, estagnação e declínio, que passa pelas fases de extração do recurso natural, domesticação do vegetal e utilização do substituto sintético. Ele citou exceções como o pau-rosa, de onde se extrai o linarol, utilizado na fabricação de aromáticos, que passou da fase do extrativismo diretamente para a fabricação sintética, sem a domesticação. "O preço do linarol sintético é hoje a metade do natural, que só é utilizado na alta perfumaria", exemplificou.

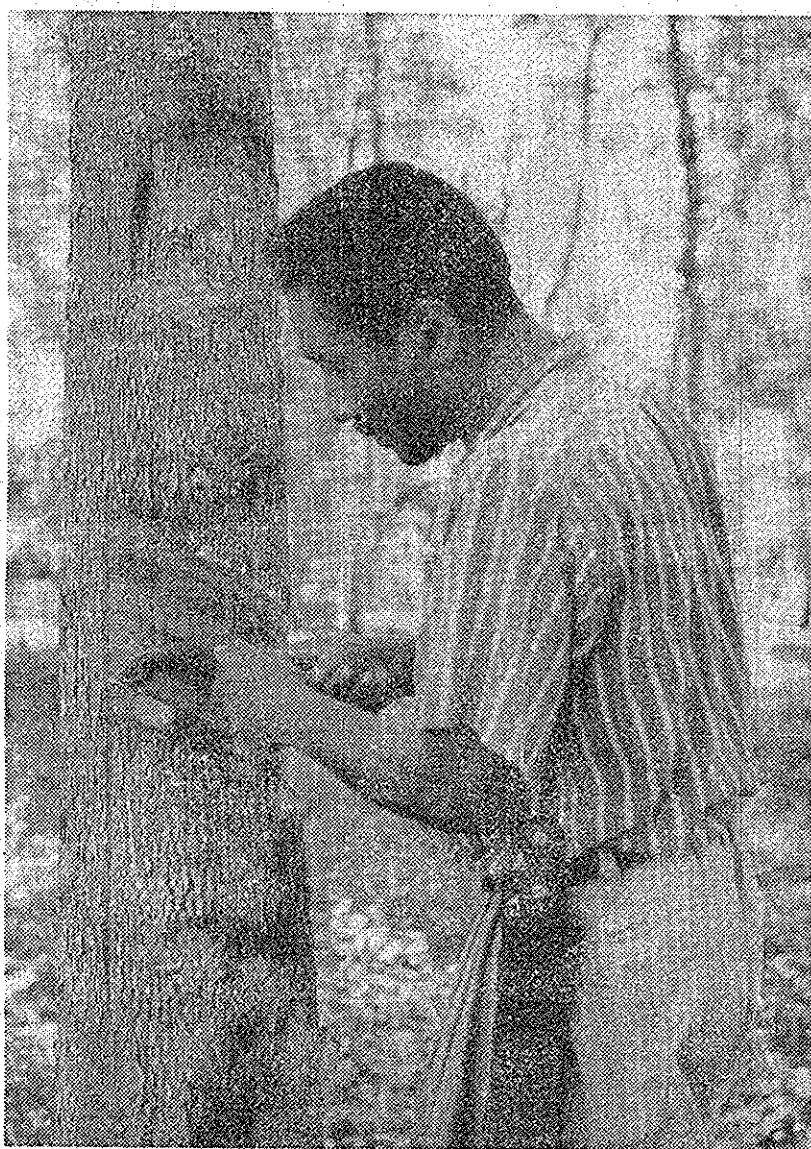
Atualmente, estão sendo feitas pesquisas sobre o potencial de plantas medicinais e tóxicas (estas últimas para fabricação de inseticidas) e, a partir daí, iniciar a fabricação sintética, depois de descoberto o componente ativo do vegetal. Homma disse que laboratórios estrangeiros, como o alemão Merck e o japonês Takasago, têm pesquisado esses recursos potenciais na Amazônia, para iniciar a fabricação sintética.

Um exemplo de domesticação dado pelo pesquisador foi a castanha-do-Pará, árvore nativa com até 50 metros de altura e que levava de 15 a 17 anos para produzir. Hoje, uma muito menor, do tamanho de uma mangueira, é capaz de produzir com cinco ou seis anos. Também o guaraná foi domesticado e já há no país cerca de 8 mil hectares plantados.

Para a seringueira, os resultados obtidos até agora com a domesticação foram considerados "mediocres" pelo pesquisador. Ele informou que 80% da borracha natural produzida no Brasil ainda vêm do processo extrativista — os 20% do-

mesticados estão praticamente fora da Amazônia, em regiões como o Centro-Sul. "Desde 1900 se fala em plantar borracha, com resultados medíocres", disse.

Ele afirmou que o "perigo de substituição pela borracha sintética já passou" e que a divisão atual de dois terços de borracha sintética e um terço de borracha natural deve se manter estável no consumo mundial. Ele apresenta como razões para a inibição que ainda persiste para o plantio de seringueira no Brasil os grandes estoques de recursos extrativos, o longo tempo para início de produção (sete anos) e a proteção natural que a mata oferece às doenças.



A atividade do seringueiro está seriamente ameaçada

### Um assunto cada vez mais apaixonante

A repercussão do assassinato do seringueiro e sindicalista Chico Mendes, em Xapuri, no Acre, despertou o interesse da comunidade universitária para pesquisar a antiga atividade do extrativismo vegetal na Amazônia, baseada atualmente na borracha e na castanha do Pará. Para discutir as perspectivas reais desse setor, em termos econômicos e demográficos, a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais organizou o seminário O Extrativismo na Amazônia, que reúne professores de institutos de pesquisa de vários estados.

"O extrativismo como uma unidade econômica ainda é uma nebulosa pouco definida", justifica o economista João Antônio de Paula, chefe do Departamento de Economia da Face-UFMG, coordenador do seminário. Segundo De Paula, a viabilidade das reservas extrativistas, uma das bandeiras na luta de Chico Mendes, deve ser debatida a partir de questões como a possibilidade de a borracha não sustentar as reservas a médio prazo; a necessidade de analisar os sistemas de produção agrícola, pecuária e de serviços articulados com produtos extrativos; e a inserção das reservas local, regional, nacional e internacional.

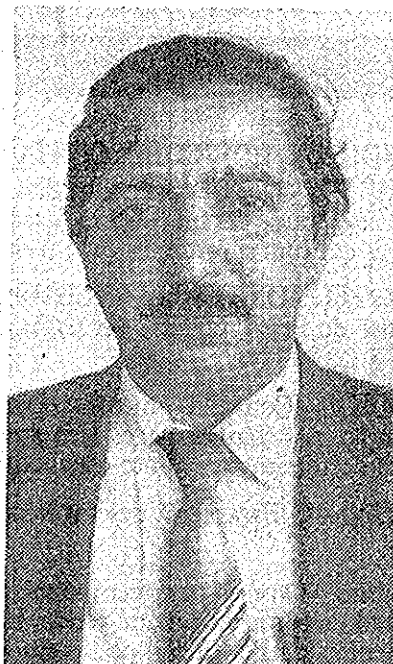
Não obstante, o Seminário pretende identificar novas áreas apropriadas para instalação de reservas, o número de pessoas a serem beneficiadas e sua distribuição espacial. Há

preocupação também com o papel das reservas na dinâmica migratória amazônica; viabilidade política das reservas; estrutura fundiária adequada; relações entre os diferentes grupos sociais da região e os subsídios necessários. "O extrativismo vegetal é um assunto exótico, marginal e pouco convencional, mas cada vez mais apaixonante", define o sociólogo americano Donald Sawyer, um dos participantes do encontro.

Participaram do Seminário pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Demografia do Centro de

Desenvolvimento e Planejamento Regional, de Belo Horizonte; do Museu Emílio Goeldi, de Belém; do Centro de Pesquisas Agropecuárias, de Belém; do Núcleo de Estudos da Amazônia da Universidade de Brasília; Fundação de Tecnologia do Estado do Acre, de Rio Branco; Instituto de Estudos Amazônicos de Curitiba; Universidade Federal do Acre; Conselho Nacional dos Seringueiros, de Rio Branco; Instituto de Pesquisas da Amazônia, de Manaus; e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, de Brasília. (M.L.)

Belo Horizonte - Aarão Octáviani



Chico Mendes, o estímulo



Alfredo Homma, debates